

Cautela com Kondratiev

César Benjamin

Folha de S. Paulo, 26 de dezembro de 2008

A hipótese apresentada na década de 1920 pelo economista russo Nikolai Kondratiev tem reaparecido com frequência em explicações da crise atual. Trabalhando com dados da Alemanha, França, Inglaterra e Estados Unidos, ele propôs que, além de ciclos curtos e médios, então já conhecidos, a economia internacional estava sujeita também a ciclos longos, com 48 a 60 anos de duração, divididos em uma fase ascendente e uma descendente.

Trabalhou com dificuldades imensas: a maioria das séries disponíveis começava no século XIX, mostrando períodos curtos demais para a análise que desejava fazer; e, antes de ser comparados, os dados precisavam ser tratados com métodos estatísticos complexos, para se obter uma relativa uniformização e afastar a influência de fatores exógenos, eventos aleatórios e flutuações de curto prazo.

Partindo de curvas empíricas, Kondratiev construiu curvas teóricas que, a seu ver, mostravam tendências seculares. Propôs, em seguida, uma interpretação dessas curvas: “A base dos ciclos longos é o desgaste, a reposição e o incremento do fundo de bens de capital básicos, cuja produção exige investimentos enormes. [...] A reposição e incremento desse fundo não é um processo contínuo. Realiza-se por saltos.”

Kondratiev considerou ter encontrado dois ciclos longos e meio entre 1780 e 1920, anunciando que, quando escrevia, iniciava-se a fase descendente do terceiro ciclo. Seu trabalho foi duramente criticado na ex-União Soviética, pois a existência desses ciclos, com suas inflexões, enfraquecia a idéia de que o capitalismo rumava para uma grande crise que seria a ante-sala do socialismo. Em 1928, ele foi deportado para a Sibéria.

Suas idéias foram revitalizadas com a publicação de *Business Cycles*, de J. A. Schumpeter. Essa obra monumental admite que a dinâmica do sistema capitalista combina ciclos curtos, médios e longos, e dá a cada um o nome do economista que melhor o descreveu. Reapareceram assim, na literatura econômica, os ciclos de Kondratiev, que no Brasil tiveram em Ignácio Rangel um ardente defensor.

Na década de 1950, sem conhecer o trabalho do economista russo, Rangel propôs uma reinterpretação da história do Brasil a partir do conceito de “dualidade básica”, que tentava relacionar a dinâmica interna brasileira e as relações que o país mantém com as economias centrais: “Desenvolvendo-se como uma economia complementar ou periférica, o Brasil deve ajustar-se a uma economia externa diferente da sua.” Nossa história, segundo Rangel, ocorreu até hoje numa seqüência de pares de modos de produção simultâneos, as dualidades, que contêm pólos internos e externos. Descreveu três delas, a partir do início do século XIX, e anunciou uma quarta, que seria a derradeira. Só depois percebeu que essa sucessão coincidia com as inflexões dos ciclos de Kondratiev, o que o levou a imaginar que a sociedade brasileira modifica as suas dualidades como resposta a esses grandes movimentos da economia mundial.

Com a crise atual, os ciclos de Kondratiev estão de volta ao debate. Não posso analisá-los aqui. Deixo, porém, duas observações. Kondratiev sempre manteve a cautela típica do cientista, ressaltando seguidamente as dificuldades inerentes à comprovação dos ciclos longos e afirmando que eles não deveriam ser considerados uma lei perene e atemporal. E o criminoso exílio de que foi vítima não retira o mérito de vários de seus críticos. Entre eles, destacou-se D. I. Oparin, que reviu todos os procedimentos e refez os cálculos, apontando inconsistências em muitas opções metodológicas de Kondratiev. Infelizmente, esse debate nunca chegou ao Brasil. Uma edição dele está a caminho.